



## **Epistemologias Afrobrasileira e Afrocolombiana na Interface Comunicação e Educação**

**Rosangela Malachias**

Professora Adjunta

UERJ-FEBF – Universidade de Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação.  
rosmalach@gmail.com

**RESUMO:** O conhecimento produzido pelos Movimentos Negros do Brasil (PINTO, DOMINGUES; MALACHIAS) e da Colômbia (ARRUTI, MIRANDA, RODRIGUES, SANTOS) durante sua cronologia de luta por direitos civis e combate ao racismo institucional é tema central desta reflexão. **Objetivos:** identificar e relacionar exemplos de produção de metodologias que comunicam educativamente a história, cultura e valores afro-brasileiros e afro-colombianos. **Metodologia:** A interface entre Comunicação e Educação – campos aliados à História e demais Ciências Sociais – estrutura a elaboração reflexiva e didático-pedagógica do texto, que aproxima realidades internacionais considerando abordagens analíticas interdisciplinares (FRIGOTTO) e transdisciplinares (D'AMBRÓSIO). **Conclusão:** A cronologia do ativismo sociocultural sobre Educação das Relações Étnico-raciais em prol de direitos à cidadania evidencia uma dinâmica e transcultural (ORTIZ) “ecologia de saberes” (SANTOS) em ambos os países.

**Palavras-chave:** Interface Comunicação e Educação – Afro-brasileiros – Afro-colombianos – Transculturação – Ecologia dos Saberes.

*Epistemologies from Afro-Brazilian and from Afro-Colombians and the Education and Communication Interface.*

**ABSTRACT:** This article centralizes the Black Movements from Brazil (PINTO, DOMINGUES, MALACHIAS) and from Colombia (ARRUTI, MIRANDA, RODRIGUES, O.SANTOS) knowledge and their chronology of struggle for civil rights and racism combat. Goals: To identify and associating examples of methodologies, in which the values, culture and history from the Afro Brazilian and from Afro Colombian people are demonstrated by sociocultural activism as a citizenship right and also as an Education for Ethnic and Race Relations demand. **Method:** The interface between Education and Communication, both fields linked to Social Sciences, are the framework of this reflection. Two international realities are observed with trans-disciplinary (D'AMBRÓSIO) and interdisciplinary (FRIGOTTO) approaches. **Conclusion:** The transculturation concept (ORTIZ) is dynamically employed in this “ecology of



knowledge” (SANTOS) in both countries.

Key-Words: Education-Communication Interface – Afro-Brazilian – Afro-Colombian – Transculturation – Ecology of Knowledge

### **Considerações pessoais - Consciência *Amefricana***

As ideias adiante expostas evidenciam o envolvimento pessoal desta autora com a temática pesquisada—relações étnico-raciais, comunicação, educação, advocacy... Este fato não nos preocupa, pois autoras(es) relevantes nos antecederam nesta prática. Dentre elas(es) citamos: Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, que ao pesquisar Mulheres Negras assume “a hora de falar por nós mesmas”; Florentan Fernandes, que expõe em ensaio “as vicissitudes de um intelectual militante”; Orlando Fals Borda, colombiano, que traçou linhas metodológicas à pesquisa participante motivada pelo “compromisso social”, “não dogmático”; José Marques de Melo, pioneiro nos estudos da Comunicação sob a perspectiva histórica, científica e jornalisticamente narrada; Stevie Biko, ativista e filósofo criador do conceito Consciência Negra em pleno regime do apartheid sul-africano; Sarah Lawrence-Lightfoot, autora afroamericana que analisa narrativas e retratos compartilhados por lideranças e grupos... Tais autores(as) inspiraram-me a assumir a primeira pessoa, quando necessário, definindo caminhos e critérios metodológicos historicamente contextualizados.

Como mulher negra brasileira reconheço que a Ancestralidade preparou e semeou a terra na qual piso agora. Vivencio facilidades inimagináveis no passado escravista, mas também experiencio cotidianamente dificuldades e barreiras (pré)dispostas pelo racismo e pela indiferença. A superação tem se manifestado no mundo da vida (HABERMAS). A feminista Maria Betânia Ávila salienta que estudos acerca da vida cotidiana propiciam-nos a constatação da “força das instituições na reprodução das relações sociais”, bem como o “descompasso entre a luta por direitos e a vivência real”. (ÁVILA: 2009, pp.44-45).

E por falarem descompasso, ainda não pisei em solo Colombiano. Seria então legítimo falar de um país visitado apenas por suas mídias? Músicas, textos, poemas, fotos, filmes?

Um dia voltarei à Colômbia! E por mais estranho que seja a ideia de retorno a um lugar nunca visitado fisicamente penso, como o escritor nigeriano Wole Soyinka, que pertencemos aos lugares onde a nossa Ancestralidade habitou e ainda habita.



Uma tarde no PROLAM-USP, um colega – Humberto – mostrou-me orgulhosamente uma foto de seu país. A imagem uma linda jovem negra sorrindo. Ela tinha os cabelos trançados, cheio de contas coloridas e o azul daquelas águas, a natureza em volta fêz-me reconhecer o lugar. Era Cartagena. Isso mesmo, reconheci um lugar ainda não visitado fisicamente.

Não demorou muito e fui atrás de outras referências e li sobre os *Palenques* e os *Cimarrones* espalhados pela América Latina. A minha pesquisa era sobre *Ação Transcultural: A Visibilidade da Juventude Negra nos Bailes Black de São Paulo (Brasil) e La Habana (Cuba)* tema escolhido como uma ação ativista para a elaboração de discursos válidos. Esta orientação foi-me passada por um intelectual negro chamado Ivair Augusto dos Santos, co-fundador do MNU – Movimento Negro Unificado.

Como uma jovem ingressante na luta antirracista, participante de um coletivo juvenil denominado Nação CERCAB – Centro de Estudos e Resgate da Cultura Afro-Brasileira, fundado em 1989, sempre busquei aprender com os mais velhos. Ivair e sua então esposa Neuza alistaram-se, nos anos 1970, como aliados da luta pela independência de Angola. Ambos e outros militantes, como Hamilton Bernardes Cardoso, Maria Aparecida Silva Bento tornaram-se “professores/as” informais, instruindo novas organizações, sobretudo jovens, a produzirem discursos politizados e cientificamente validados pela universidade pública. Interessante constatar que esta prática decorria do ensinamento recebido por eles dos fundadores da Imprensa Negra e FNB - Frente Negra Brasileira, José Benedito Correia Leite, Henrique Cunha e do professor Eduardo Oliveira e Oliveira.

O conceito de representação social produzia “universos consensuais” (MOSCOVICI; MAZZOTTI: 2013, p.2) e respaldava os estereótipos midiáticos oriundos do senso comum, que decorre da história colonial de opressão e desigualdades. Porém, na contramão da estereotipia, uma juventude negra, alvo contínuo da violência institucional, construía seus próprios espaços de cidadania, resistência e lazer. Sim, cidadania em primeiro lugar, pois ao findar a pesquisa, tanto em São Paulo quanto em *La Habana*, o principal motivo constatado que levava a juventude negra aos bailes era para “se sentir bem”, “ver os amigos” e em terceiro lugar, “para dançar” (MALACHIAS: 1996).

A Colômbia que, como Cuba, despertara em mim uma identidade étnica e regional surgia nas representações midiáticas como lócus da violência da guerrilha das *FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia* e dos cartéis do tráfico de drogas. A realidade dos discursos impressos e imagéticos de terror, sequestros contínuos, mesclavam-se à subjetividade simbólica das cenas de extrema violência das produções de Hollywood forjando, com muita competência, mediações consensuais quanto



a inviabilidade da ‘terra do narcotráfico’. Visitar a Colômbia deixa de ser uma prioridade e se transforma na certeza do risco de morte.

Ora, o cotidiano é formado por interações e contradições dialéticas (LEFÉBVRE in MARTINS: 2008, p.56). Mas se assimilar a violência histórica na Colômbia – e o recente “Não à Paz” – parece-nos algo inconcebível, o que dizer da naturalização e do silenciamento cotidianos, portanto, dialéticos, sobre os índices elevados em todo o Brasil (com exceção do estado do Paraná) de assassinatos<sup>1</sup> de meninos e jovens negros, leia-se pretos e pardos, com idade de 12 a 29 anos?

Como mediamos tal realidade?

Em 2014 durante a Virada Cultural assisti no Sesc Pompeia um show excelente do grupo musical afrocolombiano *ChocQuibTown*. O impacto fêz-me retornar na noite seguinte e depois em casa buscar referências na internet.

*(...) formado por los mc Goyo, Tostao y Slow se formó en 2000 en Chocó, una provincia de la costa del Pacífico en el noroeste de Colombia, limítrofe con Panamá. Para ser exactos, en su capital, Quibdó, que es donde residían entonces. “De ahí el nombre del grupo”, nos cuenta Goyo, la líder de la formación. “Queríamos rendir homenaje a nuestra región y usar tanto el inglés como el español.” En esta región muy cálida con una exuberante vegetación selvática más del 80% de la población es de origen africano y debido a su situación aislada, la música negra está especialmente bien conservada. Son precisamente estos ritmos afrocolombianos los que Choc Quib Town combina de forma orgánica con hip hop, funk, dancehall, electrónica y música caribeña para convertirlo en un estilo urbano propio (...) (WORLD CONNECTION:2016)<sup>2</sup>.*

Algumas letras, ritmos e vídeos mostram como a majoritária população afro-colombiana de *Choco* vive o seu cotidiano.

*(...)  
De donde vengo yo  
La cosa no es fácil  
pero siempre igual sobrevivimos  
Vengo yo  
De tanto luchar siempre con la nuestra nos salimos (...)  
Característica general  
alegría total*

<sup>1</sup> Os dados fazem parte do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014, elaborado pela parceria formada entre a Secretaria Nacional de Juventude da Presidência da República, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Ministério da Justiça e o escritório da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) no Brasil. Os dados utilizados são de 2012.

<sup>2</sup> Release - World Connection - Hendrik Figeeweg 3 - G22 2031 BJ Haarlem, The Netherlands - tel: +31-20-4125285, Bookings: bartolo@worldconnectionagency.nl



*Invisibilidad nacional e internacional*  
*Auto-discriminación sin razón*  
*Racismo inminente mucha corrupción*  
*Monte culebra Máquina de guerra*  
*Desplazamientos por intereses en la tierra*  
*Vengo yo (...)*

Neste mesmo ano organizei como atividade de Pós-doutorado, o *Seminário Negritude Midiática* no Centro Cultural INTERCOM, em São Paulo para celebrar os jornalistas/intelectuais negros que ao longo do século XX dedicaram suas vidas à Comunicação e à Educação para combater o racismo. Todos(as) retornaram à Ancestralidade - José Correia Leite (1900-1989), Abdias do Nascimento (1914-2011), Evaristo de Carvalho (1932-2014); Lélia Gonzalez (1935-1994); Hamilton Cardoso (1954-1999).

No mesmo evento uma nova geração de ativistas/jornalistas/educadores(as) compartilharam suas produções educomunicativas – *Revista O Menelick 2º. Ato; Blogueiras Negras; Rádio Centro de Estudos e Memória da Juventude*—que tanto informam quanto contribuem para o conhecimento da história dos negros no Brasil e na diáspora.

Agora encerrando as considerações iniciais, que tentaram explicar o senso de pertencimento desta autora a um país não visitado pessoalmente preciso mencionar o pensamento da intelectual e ativista Lélia Gonzalez. No final dos anos 1970 Gonzalez problematizou a necessidade de se adotar a interseccionalidade de classe, raça e gênero na produção científica das ciências sociais tornando-se pioneira ao questionar o feminismo concebido pelas mulheres brancas por desconsiderar as demandas históricas das Mulheres Negras, como a sua invisibilidade nas relações subalternizadas pela classe e relações de trabalho (amas de leite, empregadas domésticas, faxineiras exploradas por patroas que ironicamente sonhavam trabalhar fora). Nasce o feminismo negro abrigando as *women of color* e as afroamericanas (COLLINS; HOOKS) que passaram a falar por si mesmas (SILVA).

Gonzalez também criou dois conceitos-chave alusivos à presença negra no Brasil e nas Américas. O “pretuguês”, para definir a influência e participação inegáveis da África na história e cultura brasileiras e o “amefricanidade”, que categoriza “todos os descendentes de africanos trazidos pelo tráfico negreiro, os que chegaram à América antes de seu descobrimento por Colombo e inclui ainda os nascidos no continente.

Se o/a leitor(a) discordar da minha afro-colombianidade, ainda posso afirmar que realmente sou uma mulher negra Afrolatinoamericana, Amefricana e Afro-brasileira.



## **Comparar ou Aproximar?**

O falecido sociólogo colombiano Orlando Fals Borda contribuiu, com sua produção acadêmica, para a ampliação qualitativa de teorias que fundamentam a pesquisa participativa. Em seu texto *Por la praxis: el problema de como investigar la realidad para transformala* (1978, pp.209-249) afirma que a história e também alguns outros elementos culturais pode ser “criticamente recuperada”, a fim de que possa a ser colocada a serviço das metas do homem comum. Sob esta orientação selecionamos alguns aspectos gerais sobre a presença negra na América do Sul e Caribe e particularmente Brasil e Colômbia.

O desenvolvimento de estudos comparativos das sociedades escravistas americanas têm levado, “felizmente” a um refinamento crescente dos métodos (CARDOSO,1979, 100). Três níveis distintos podem ser observados. O primeiro sobre condições cotidianas de vida (comida, roupa, alojamento, duração do dia de trabalho etc); o segundo refere-se às condições de vida num sentido mais geral (possibilidade de acesso a uma vida social, religiosa e até autônoma) e o terceiro sobre o acesso à liberdade e cidadania. Há ainda a comparação entre os sistemas Anglo-saxônico, no qual faltava uma tradição e legislação escravistas e uma instância religiosa que se ocupasse do negro. O sistema Ibérico, com tradição e legislação escravistas, além da forte instância religiosa que julgava a condição moral do escravizado e o sistema Francês, posição intermediária, sem tradição e legislação escravistas, porém com a presença da igreja católica. (MALACHIAS: 1996, p.15).

Ao promover estudos comparativos de sistemas educacionais na América Latina, Franco (1992) destacou que o comparativismo surge como tendência no século XIX das ciências sociais como a história, antropologia, economia, gramática etc. A autora opta por contextualizar acontecimentos ocorridos no século XVI, quando da “conquista da América”, o desenvolvimento das ciências sociais no expansionismo moderno nos séculos XVIII e XIX e o pensamento latino-americano dos anos 1960 em diante, sobre a teoria da dependência como imprescindível ao entendimento do capitalismo do século XX. (FRANCO: 1992, pp.19-32).

A reflexão adiante objetiva identificar e reconhecer os saberes afro-brasileiro e afro-colombiano dentro de uma cronologia de lutas por direitos, travada pelo ativismo social negro dos respectivos países iniciada a partir dos anos 1970 do século XX. Desse modo, as suas conquistas, desafios e expectativas no enfrentamento do racismo institucional, do preconceito e discriminação étnico-racial podem se configurar em ações pedagógicas educativas, algumas, metodologicamente fundadas na interface entre Comunicação e Educação.



Para alcançar nossos objetivos temos que considerar a dialética do tempo, pois a história é ampla e constantemente dinamizada pela mobilização social. Por isso iniciamos com uma brevíssima contextualização anterior ao período escolhido, em virtude da ação colonial imposta por Portugal, Espanha, Inglaterra, França e, no segundo pós guerra, pelos Estados Unidos. O colonialismo e mais recentemente o neoliberalismo estruturaram política e ideologicamente discursos e atos objetivos e subjetivos de violência direcionada aos povos não brancos.

Por mais de quatro séculos, na África, Américas e no Caribe, as populações negras, indígenas e mestiças, pluralizadas por sua diversidade cultural, étnica, linguística, territorial, religiosa foram historicamente excluídas. Entretanto, a exclusão de negros de pele escura seria maior. Muniz Sodré salienta que no Brasil

(...) Já por volta de 1820, José Bonifácio de Andrada, cognominado “Patriarca da Independência” pregava a formação de um país “homogêneo e puro”, isto é, com identidade branca. Temia-se o negro, suspeitava-se o tempo todo de suas intenções. E era a primeira vez que o estamento dirigente levantava a questão nacional: os negros foram deixados de fora do pacto social (entre monarquia, senhores rurais e comércio exterior) e os índios, apenas simbolicamente incluídos, (a homenagem ao caboclo na data da independência da Bahia é um dos traços significativos dessa inclusão). (SODRÉ: 1999, p.79).

Márcio O. Santos ressalta que

A história do processo de formação racial colombiana, desde meados do século XIX até meados dos anos 40 do século XX, guarda significativas semelhanças, convergências e diferenças com a formação racial brasileira. (...) Com o fim do trabalho escravo e a necessidade de impulsionar a economia e o desenvolvimento nacional, as elites de ambos os países puseram a si mesmas a seguinte questão: como compatibilizar desenvolvimento e modernização com a presença massiva de “negros, mulatos e mestiços” em suas populações? (O. SANTOS: 2012, p.47).

A intelectualidade latino-americana espelhava-se nas elites europeias recusando a barbarie identificada nos povos indígenas e africanos. Séculos antes, a igreja economicamente beneficiada pelo tráfico negreiro foi conivente com a escravidão negra considerando os africanos como seres sem alma e por isso passíveis ao trabalho excessivo e compulsório.

Na modernidade, a filosofia de Hegel torna-se pilar do pensamento acadêmico europeu exportado às colônias como cânone civilizatório das universidades construídas no novo mundo. O pensamento hegeliano nega a historicidade do continente africano e a capacidade de seus habitantes portarem conhecimento.

Em decorrência, o racismo francês (sécs. XIX e início do XX) produziu estudos posteriormente rejeitados associando aspectos físicos a características psicológicas estabelecendo o homem branco



européu como parâmetro de superioridade étnica, (MALACHIAS: 2009, p.26). Este pensar foi assimilado pelas elites e ainda se manifesta na contemporaneidade do século XXI contribuindo tanto para a desumanização quanto para a desvalorização cidadã do Ser Negro - seja homem, mulher ou criança.

### **Comunicação um novo campo latino-americano e Movimentos Negros**

Como parâmetro de análise dos Movimentos Negros do Brasil e da Colômbia demarcamos o mesmo período escolhido por Miranda (2014) quando discorre sobre *Afrocolombianidad y otras narrativas: la Educación propia como agenda emergente*. A autora salienta que: “Orientadas pela convocação da Organização das Nações Unidas (ONU), que declarou o ano de 1971 como o “ano da ação” contra o racismo e a discriminação, diversas instâncias das comunidades afro-colombianas se mobilizaram em torno do ideário antirracista”. (MIRANDA: 2014, pp.1058-59).

Neste mesmo ano Paulo Freire publica *Educação como prática da liberdade* (1971). A época registra o surgimento de um pensamento comunicacional latino-americano caracterizado pela relação entre teoria e práxis. Para Freire a Comunicação é o próprio ato de pensar e implica reciprocidade, diálogo, pois não pode ser definida como “transferência de saber” e sim “um encontro entre Sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE: 1971: p.67-9).

Cabe ressaltar que a despeito da defasagem de tempo entre o que se discutia nas universidades do norte (Europa, Estados Unidos) e o que chegava no sul (América Latina e África), o pensamento freireano desde os anos 1960 passou a instigar o debate sobre Educação, alfabetização e posteriormente comprovou a relevância e imanência na extensão comunicativa nos processos educativos. Sobre isso, o radialista e professor uruguaio Mário Kaplun – autor do termo/conceito – educomunicação – admitiria o quanto Paulo Freire o influenciou a refletir sua própria *práxis* criativa. Entrevistas, radionovelas poderiam comunicar temas geradores de conhecimento e a dialogicidade alimentaria a (re)elaboração de conteúdos e pautas. O reconhecimento internacional de Paulo Freire demonstra a pertinência de suas ideias.

O acirramento da guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética nas décadas de 1960 e 1970 afeta o mundo. Lutas independentistas na África; apoio norteamericano às ditaduras militares da América Latina simultâneo ao aumento da repressão contra os países produtores de cocaína (Bolívia, Colômbia, Panamá); ação de guerrilhas e grupos nacionalistas de orientação socialista no campo e nas cidades; crise mundial causada pelo déficit na exportação de petróleo pelos árabes... Avanço imperialista e fortalecimento do capitalismo.



No estudo comparativo desenvolvido por Arruti (2000) sobre *Direitos Étnicos*, o autor parte dos anos da promulgação das Constituições Brasileira (1988) e Colombiana (1991). O período marca a redemocratização da América do Sul, palco da violência das ditaduras militares e das guerrilhas, mas também da mobilização social de grupos interessados na produção de mídias alternativas (jornais, vídeos, revistas), alfabetização popular e no desenvolvimento de práticas voltadas à leitura crítica das mídias ou *media literacy*.

Arruti salienta que o Brasil e a Colômbia têm semelhanças no tratamento das questões étnicas alusivas às populações negras e indígenas.

A Carta Constitucional brasileira de 1988 e a colombiana de 1991, reconheceram pela primeira vez em ambos os casos, um lugar específico para os direitos culturais e fundiários de suas comunidades negras. Nesses dois casos, tais inovações legais e políticas, bastante influenciadas pelo acúmulo das lutas indígenas, responderam a mudanças operadas em seus campos políticos, mas também produziram novas mudanças que atingiram tanto novas realidades locais quanto o campo acadêmico (ARRUTI: 2000, p. 93).

No âmbito internacional, a cronologia do ativismo afro-brasileiro e afro-colombiano compreende a ocorrência do Consenso de Washington (1989), que definiu regras neoliberais à política econômica dos países latino-americanos devedores ao Fundo Monetário Internacional. O Banco Mundial condicionou empréstimos e investimentos no continente atrelando-os ao cumprimento de metas econômicas, fiscais e contraditórias medidas sociais (como a redução de taxas de mortalidade materna e infantil, necessária e ainda em curso no Brasil e a progressiva desregulamentação das leis trabalhistas, alvo histórico das críticas dos movimentos sociais e esquerdistas). Tais regras afetaram diretamente (para o bem e para o mal) as populações mais pobres, negras e indígenas do continente.

A despeito de toda a adversidade – escravismo, racismo, exclusão – as populações negras resistiram agindo de diferentes formas. O etnólogo cubano Fernando Ortiz insere a resistência africana nas Américas e no Caribe dentro das fases da *transculturación* (transculturação) definida como um processo no qual se dá algo em troca do que se recebe modificando ambas as partes da equação. Da transculturação emerge uma nova realidade, composta e complexa... um fenômeno novo, original e independente (MALINOWSKI, In ORTIZ, 1963, p.38).

A inovação do pensamento de Ortiz está no fato da transculturação propiciar a transição entre culturas ativas, contribuintes e cooperantes com uma nova realidade de civilização, um acontecimento doloroso em especial para a cultura “dominada”. Porém, em plena década de 1940, período da ascensão nazi-



facista, Fernando Ortiz não hierarquizou as culturas envolvidas. Para ele, indígenas, europeus e africanos têm igual importância no *toma y daca*.

A não hierarquização das culturas também é uma característica do conceito de transdisciplinaridade (D'AMBRÓSIO). O conjunto de intervenções epistemológicas, que visam a conquista da horizontalidade entre conhecimentos, portanto, a formulação de discursos e práticas para a igualdade de direitos pelo reconhecimento das diferenças culturais compõem a “ecologia de saberes” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

O movimento social põe em prática os seus saberes e a cultura é lugar de produção de sentidos e de orientações da ação política” (O. SANTOS: 2012, p.85). Por sua vez, a ação cultural designa uma intervenção que liga os agentes, indivíduos, organizações, sindicatos, a objetivos ou metas almejadas (CERTEAU:1995).

O historiador Petrônio Domingues divide as ações do movimento negro brasileiro em três fases do período Republicano, comparando-as por suas “estratégias culturais de inclusão”. São elas: “assimilacionista (período de 1889-1937); integracionista (1945-1964), e diferencialista (igualdade na diferença) (1978-2000)”. (DOMINGUES: 2007, 117).

Não discordamos do didatismo do autor na classificação contextualizada dessas “estratégias”. Entretanto, definimo-as como discursos políticos e educativos propagados nas múltiplas ações culturais desenvolvidas no âmbito do movimento social (MALACHIAS, 2016).

Lélia Gonzales e Hamilton Bernardes Cardoso, dois intelectuais e co-fundadores da organização Movimento Negro Unificado (fundado em 1978) definiram Movimento Negro. Gonzalez questionou a singularidade e a pluralidade do termo ao escrever *Movimento ou movimentos negros?* A autora optou pela forma plural por sintetizar a diversidade de caminhos seguidos por diferentes organizações ou entidades na luta anti-racista. Todavia, ao usar o termo no singular, Gonzalez não abria mão da sua essência plural. (GONZALES & HASENBALG: 1982, p.18-20).

Para Cardoso, as entidades negras são consequência direta de uma confluência entre o movimento abolicionista, das sociedades de ajuda e d’alforria e dos agrupamentos culturais negros. Seu papel é o de legitimar a existência do negro dentro da sociedade e diante da legislação (CARDOSO, 1982).

Oliveira & Rios (2015) ao estudarem a trajetória de Hamilton Cardoso definiram o movimento negro brasileiro situando-o na década de 1970 como componente de “uma rede de mobilização antitadura que



redefiniu o sentido da “democracia” ampliando-a para além do “acesso a direitos dentro de uma perspectiva universalista” e salientando a “identidade racial e cultural, do direito à diferença” (RIOS: 2014, 523).

Numa perspectiva transdisciplinar que aproxima diferentes realidades Malachias (2006) concebe como movimentos negros, todas as atitudes de resistência à opressão da colonização europeia em África, Américas e Caribe. Incluímos nessa concepção o ato do pensar (a resistência) e a concretização desse pensamento em forma de insurreições, fugas, quilombismo, banzo, suicídio, trabalho, arte, música, alimento, religiosidade... e demais criações transculturais subjetivas e objetivas da presença negro-africana no mundo (MALACHIAS: 2006, pp-19-22).

Esta definição possibilita abordagens sobre as múltiplas ações culturais de cunho político e educativo desenvolvidas pelos movimentos negros e por indivíduos ativistas no que, por sua formação autodidata ou não, tornaram-se protagonistas da luta antirracista. Cabe reforçar que a cronologia dos movimentos negros no Brasil ilustra realizações organizadas pela comunidade, quase sempre sem apoio institucional de governos e divulgação na grande mídia, que ao longo do tempo tiveram impacto na agenda política do país.

Regina Pahin Pinto pesquisadora pioneira do tema Movimento Negro observou a existência de uma “extensa ação educacional realizada por associações negras, bem como por grupos menos formais visando a valorização das tradições africanas”. Na universidade, dissertações e teses, a partir dos anos 1980, demonstram “uma preocupação crescente com a diversidade cultural/racial”. (PINTO: 1999, p.202).

... esses grupos passam a reivindicar com mais veemência a necessidade de o sistema educacional encarar a diversidade étnico-racial do seu alunado, seja sugerindo a introdução, nas disciplinas já existentes, de conteúdos que contemplem o segmento negro, sua origem e especificidade cultural, sua contribuição para a sociedade brasileira, seja preconizando novas disciplinas, ou ainda defendendo uma postura pedagógica que valorize a diversidade e combata os preconceitos. (PINTO, Idem).

A escolha do 20 de novembro – data do assassinato do líder quilombola Zumbi dos Palmares, como dia da Consciência Negra foi uma sugestão do poeta e escritor gaúcho Oliveira Silveira. A ideia respondeu a insatisfação do ativismo quanto à celebração oficial da efeméride 13 de maio, data da Abolição da Escravatura, como um feito da Princesa Isabel, sem mencionar o fato do Brasil ter sido o último país do mundo a erradicar o sistema. Entretanto, a data não poderia ser totalmente descartada pelo seu simbolismo e também relevância junto aos homens e mulheres negros que viram seus familiares escravizados festejarem a liberdade. A data “13 de Maio” que nominou clubes e associações negras



espalhadas pelo país passou a ser do Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo.

O acesso à educação e permanência não preocupa apenas os movimentos negros brasileiros. As comunidades afro-colombianas iniciaram em 1971 mobilizações apresentando suas demandas ao governo, fato que indicaria a necessidade de uma revisão constitucional, que ocorreu com o artigo transitório de No. 55. Assim, após dois anos da promulgação da Carta Magna instituiu-se a “Ley 70” (1993), que posteriormente regulamentou o decreto No. 1.122, de 1998 parcialmente citado abaixo:

*Artículo 1º. Todos los establecimientos estatales y privados de educación formal que ofrezcan los niveles de preescolar, básica y media, incluirán en sus respectivos proyectos educativos institucionales la Cátedra de Estudios Afrocolombianos, atendiendo lo dispuesto en el artículo 39 de la Ley 70 de 1993 y lo establecido en el presente decreto.*

*Artículo 2º. La Cátedra de Estudios Afrocolombianos comprenderá un conjunto de temas, problemas y actividades pedagógicas relativos a la cultura propia de las comunidades negras, y se desarrollarán como parte integral de los procesos curriculares del segundo grupo de áreas obligatorias y fundamentales establecidas en el artículo 23 de la Ley 115 de 1994, correspondiente a ciencias sociales, historia, geografía, constitución política y democracia. (COLÔMBIA: 1998).*

Outra demanda estratégica reivindicada pelo Movimento Afro-Colombiano para a devida implantação da lei era a realização de um censo e/ou criação de ferramentas e instrumentos para registrar e quantificar a presença da diáspora negra no país em números efetivos. (MIRANDA: 2014, p.1059).

No Brasil, com o slogan, *Não deixe a sua cor passar em branco*, os movimentos negros promoveram uma campanha publicitária alternativa – sem apoio/adesão da grande mídia– para a ampliação da consciência negra da população, que deveria se autodeclarar negra (indicando a cor preta ou parda) no Censo de 1990, realizado em 1991.

“A filosofia da Consciência Negra” teoricamente elaborada pelo médico e ativista sul-africano Stevie Biko “exprime o orgulho grupas e a determinação dos negros em se erguer e conseguir a autorealização desejada”. Biko defendia que o negro deveria ver-se e sentir-se como “um ser completo em si mesmo e não como uma vassoura ou alavanca a mais de qualquer máquina”. (BIKO: 1990, p.87). Consideramos esta afirmação como uma crítica ao pensamento comunicacional do canadense Marshall McLuhan, na época, considerado inovador ao considerar as mídias como uma extensão do corpo humano.

Entretanto há que se considerar que a palavra “negro” vem sendo ressignificada pelos movimentos negros e ainda hoje porta a positividade e orgulho de um povo e contraditoriamente pode remeter a uma negatividade e delimitação social colonialmente instituídas.



## Considerações finais

A potencialização das mídias com a velocidade e imediatismo imagético informacional expõe e ao mesmo tempo torna efêmera a violência racial evocada no coro de plateias imensas que gritam “macaco/a” enquanto arremessam bananas a esportistas negros/as; na humilhação de trabalhadores/as que não têm o seu direito de ir e vir garantido, pois são impedidos por ‘agentes de segurança’ de caminhar nas ruas ou ingressar em prédios pelo simples fato de serem negros/as.

As imagens do extermínio – assassinatos – de jovens e adultos negros são múltiplas. Podem se configurar de narrativas textuais e/ou fílmicas, arquivadas em plataformas especializadas, ainda assim, o que surpreende é o fato da riqueza de detalhes não garantir a prisão dos exterminadores. A dona de casa brasileira, Cláudia Ferreira da Silva foi injustamente baleada e arrastada até a morte por uma viatura policial em 2014. As imagens poderiam agilizar o processo contra os policiais, que prosseguem livres e trabalhando.

Passeatas, protestos, quebra-quebra nas ruas de cidades norte-americanas propagam o slogan de que “A Vida dos Negros Importa” (*The Black Lives Matter*). Será mesmo? Importa para quem?

A dignidade humana da população negra depende da consciência constante.

Entretanto a capacidade de ‘leitura do mundo’ (Freire) vem sendo transculturalmente manifestada por pessoas que recusam a sua desumanização. Neste sentido, a cultura, as artes e principalmente a música informam, comunicam e de certo modo educam para outras mediações críticas às representações calcadas em estereótipos. Vale a pena ler a letra, ver o vídeo, ouvir e dançar o ritmo de *Somos Pacíficos*, do grupo colombiano Chocquibtown para constatar como ler o mundo pode ser prazeroso.

*Chocquibtown - Somos Pacíficos*  
*Coro*  
*Somos pacífico, estamos unidos*  
*Nos une la región*  
*La pinta, la raza y el don del sabor*  
*Somos pacífico, estamos unidos*  
*Nos une la región*  
*La pinta, la raza y el don del sabor*  
*Ok! Si por si acaso usted no conoce*  
*(...)*  
*Es toda una conexión*  
*Con un corrillo chocó, valle, cauca*  
*Y mis paisanos de Nariño*  
*Todo este repertorio me produce orgullo*



*Y si somos tantos (...)  
Unidos por siempre, por la sangre, el color  
Venga y lo ve usted mismo  
Pa vé como es, y eh! (...)  
Y ahora dígame que cree usted  
Por qué Colombia es más que coca, marihuana y café.*

Respostas criativas paradoxalmente se apropriam das plataformas controladas pelos poucos países detentores das redes sociais mais acessadas e mídias móveis como os celulares. Povos tradicionais como os indígenas *Kokonuco*, habitantes do Departamento de Cauca, Colômbia, têm se utilizado de ferramentas midiáticas para melhorar a Comunicação entre o próprio grupo e sua relação com a sociedade colombiana e internacional (NATES, 2014).

Coletivos como as *Blogueiras Negras*, *Meninas Black Power* formados por mulheres jovens que criticamente questionam a invisibilidade e discriminação racial impostas às mulheres negras têm elaborado o que Muniz Sodré (2005) chama de um “contra-discurso” ou “contralinguagem”. Exercitam o feminismo negro introduzido no Brasil por Lélia Gonzalez.

A interface Comunicação e Educação pode ser uma possibilidade metodológica para a leitura e implementação das *Diretrizes Curriculares Nacionais, que orientam a Educação para as Relações Étnico-raciais Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana* (BRASIL, 2005). Os três princípios que fundamentam as Diretrizes são: (1) *Consciência Histórica e Política da Diversidade*; (2) *Fortalecimento das Identidades e Direitos* e (3) *Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações*.

Se considerarmos que as DCNEER foram redigidas após uma consulta nacional sob a coordenação de Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, na época membro do CNE – Conselho Nacional de Educação, como complemento à Lei 10.639/03 (e Lei 11.645/08), que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/96), artigo 26-A, constataremos que esta inovação decorre de uma cronologia reivindicativa e propositiva dos movimentos negros do Brasil. Se a LDBN (1996) inovou na orientação de abordagens transversais de temas alusivos à diversidade cultural, no mesmo continente, os afro-colombianos foram mais ousados ao conquistarem, por sua história e presença, a obrigatoriedade da criação da *Cátedra de Estudios Afrocolombianos, en todos los establecimientos de educación formal del país*.

Todavia, em tempos globais de retrocessos políticos, ascensão conservadora e de manifestações concretas



de intolerância à diversidade étnica, cultural e de gênero... Os direitos conquistados estão em risco. O doloroso processo da transculturação denominado por Fernando Ortiz (1963) de *toma y daca* continua em curso.

## Referências Bibliográficas

ARRUTI, JMA – DIREITOS ÉTNICOS NO BRASIL E NA COLÔMBIA: NOTAS COMPARATIVAS SOBRE HIBRIDIZAÇÃO, SEGMENTAÇÃO E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DE ÍNDIOS E NEGROS. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 93-123, nov. 2000.

ÁVILA, Maria Betânia – Vida cotidiana: um desafio político e teórico para o feminismo. In: In: Cadernos de Críticas Feminista. Ano III, No. 2 – dez. 2009, pp.44-79.

BONA, N, CONTEÇOTE, L M & COSTA, L – Kaplun e a Comunicação Popular - Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, Ano 11 n.11, 169-184, jan/dez. 2007.

BRASIL – CNE - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Brasília, DF, outubro de 2005.

CANCLINI, Nestor García – Culturas populares em el capitalismo. México, Grijalbo, 2002.

CARDOSO, H. – Negros, rasgando o estatuto. A questão étnica e os movimentos sociais. São Paulo. Journal da Tarde, Caderno de Sábado, 22-2-1992.

COLÔMBIA - Decreto n. 1.122, de 18 de junho de 1998. Disponível em: <[http://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-86201\\_archivo\\_pdf.pdf](http://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-86201_archivo_pdf.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2016.

COLÔMBIA - Ley 70 – Disponível em: <http://www.alcaldiabogota.gov.co/sisjur/normas/Norma1.jsp?i=7388>. Acesso em 18/10/2016.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan – Transdisciplinaridade. São Paulo, Palas Athena, 1997.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, n. 23, p. 100-122, 2007. FERREIRA, R A. – Etnomialogia – Mídia e Diversidade - IV Encontro Nacional da Ulepicc-Brasil – Rio de Janeiro/RJ – outubro, 2012.

FALS BORDA, Orlando - Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: Brandão, CR – Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_ - *Por la praxis: el problema de como investigar la realidad para transformala* Simpósio Internacional de Cartagena, vol. I, 1978, pp.209-249.

FRANCO, Maria A. Ciavatta – Estudos comparados em educação: uma questão metodológica a partir da questão do outro. In: Estudos Comparados e Educação na América Latina. MAC Franco (Org) São Paulo, Livros – Tatu – Cortez, 1992.



ISBN: 978-85-7205-159-0

FREIRE, Paulo – Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo - Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos A – Lugar de Negro. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, L “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

JMM – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Teoria e Pedagogia da Comunicação. Iury Parete Aragão, Osvando J de Moraes e Sonia Jaconi (Orgs). São Paulo, INTERCOM, 2013.

KELLNER, Douglas – A Cultura da Mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno. (Trad. Ivone Castilho Benedetti), Bauru, São Paulo, EDUSC, 2001.

MALACHIAS, R - DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS: PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS E UMA EPISTEMOLOGIA AFROBRASILEIRA NA FORMAÇÃO DOCENTE E GESTORA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 4, art. 3, p. 39-64, out./dez. 2014 ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983 - <http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.4.3>

MALACHIAS, Rosangela - Cabelo Bom, Cabelo Ruim – In – Percepções da Direreça – Brancos e Negros na Escola. São Paulo, Terceira Margem Editora, 2009 – vol. 4.

MALACHIAS, R - Mídia, Educação e Movimentos Negros - REVISTA MÍDIA ETNIA – ISSN 1808-7353, set/2006, pp.19-22.

\_\_\_\_\_ Práticas educomunicativas e Teorias interdisciplinares no combate ao racismo - Revista Identidade Científica do Grupo de Pesquisa GEPEC – Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente – UNOESTE – vol. 01 – número 03 – Novembro de 2004 – ISSN 1678-0787 – p.68-73.

\_\_\_\_\_ Os sonhos podem acontecer. Teorias e práticas à ampliação do discurso preventivo ao abuso de drogas, com a inclusão de jovens negros e mulheres. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 17/10/2002, 211p.

\_\_\_\_\_ Ação Transcultural – a visibilidade da Juventude negra nos bailes black de São Paulo (Brasil) e La Habana (Cuba). Dissertação de Mestrado apresentada ao PROLAM-USP – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 30/10/1996, 195p.

MIRANDA, C - Afro-colombianidade e outras narrativas a Educação Própria como agenda emergentes. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 59, out.-dez. 2014.

OLIVEIRA, FN & RIOS, F - Consciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). Contemporânea ISSN: 2236-532X v. 4, n. 2 p. 507-530 Jul.–Dez. 2014.

ORTIZ, Fernando – Por la integración cubana de blancos y negros, In Orbits de Fernando Ortiz, La Habana, Col. Órbita, Ediciones Uneac, 1973 p.181-191.

PINTO, RP – Diferenças Étnico-raciais e Formação do Professor. Cadernos de Pesquisa, nº 108, novembro/1999.



ISBN: 978-85-7205-159-0

RODRIGUES, C S - Movimentos Negros, Estado e participação institucional no Brasil e Colômbia em perspectiva comparada. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 19/05/2014, 249p.

SANTOS, M A S - POLÍTICAS RACIAIS COMPARADAS: MOVIMENTOS NEGROS E ESTADO NO BRASIL E COLÔMBIA (1991-2006). Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de Doutor, ao Instituto de Estudos Sociais e Políticas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciência Política. 2012, 153p.

SILVA, PBG da - "Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.45 [cited 2016-10-19], pp.7-23. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000200002>.

SOARES, Ismar de Oliveira – Educomunicação: um campo de mediações. In: Comunicação e Educação – 19 - ano VII – set./dez, 2000, p.12-24.

SODRÉ, Muniz – O Globalismo como neobarbárie. In: Por uma outra Comunicação. Rio de Janeiro, Record, 2005. p.21-40.

\_\_\_\_\_ - Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999.

SPLIT IMAGE AFRICAN AMERICANS IN THE MASS MEDIA – Edited by Jannete L. Dates and William Barlow, Washington DC, Howard University Press, 1993.